

RESENHA

Lucas Raul de Faria¹



DOI.ORG/10.57147/ESPACOS.V33I01.935

MANSO, Bruno Paes. *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil do Século XXI*. São Paulo: Todavia, 2023.

A religião e o crime se cruzam no Brasil do século XXI. As periferias dos grandes centros urbanos foram transformadas nas últimas décadas, tanto pela expansão do tráfico de drogas e das facções criminosas, quanto pela presença das igrejas evangélicas, especialmente das neopentecostais. O diálogo entre estes dois universos – o da violência armada e o da religião – na produção de novas formas de poder e pertencimento comunitário, é o objeto de Bruno Paes Manso no seu livro *A Fé e o Fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI* (2023).

Bruno Manso é formado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em economia pela Universidade de São Paulo. No mestrado em ciências políticas pesquisou sobre o tema *homicidas e homicídios: reflexões sobre a atualidade urbana em São Paulo* (2003). No doutorado em economia, escreveu uma tese sobre *o crescimento e a queda dos homicídios em São Paulo entre os anos 1960 e 2010: uma análise dos mecanismos da escolha homicida e das carreiras no crime* (2012). Dentre as suas obras destacam-se *O homem X: uma reportagem sobre a Alma do Assassino* (2005), *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos dos Black Bloc* (2014) e *A República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro* (2020).

¹ Licenciado em Filosofia pelo UNIFAI (2018) e bacharel em Teologia pelo ITESP (2023). Atualmente é mestrando em Teologia Moral no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP com bolsa do CNPq. E-mail: lucasraul96@gmail.com

O livro *A Fé e o Fuzil* nasceu de um trabalho jornalístico. Em 1999, Bruno recebeu de uma grande revista a tarefa de escrever sobre chacinas em São Paulo. A experiência, que se desdobraria em seu mestrado e doutorado, o levou a entrevistar ex-assassinos. A partir dessas conversas, buscou compreender o sistema de crenças, o discurso e a lógica das escolhas homicidas. Assim, o jornalista percebeu que as justificativas giravam em torno da vingança, autopreservação e queima de arquivos. Nesse processo, deparou-se também com relatos de conversão religiosa, nos quais a experiência da fé neopentecostal promovia verdadeiras rupturas de vida.

Um dos entrevistados foi Marcelinho, um assassino convertido ao cristianismo neopentecostal. É com ele que Bruno Manso tem o seu primeiro contato com a palavra *metanoia*, termo de origem grega que significa mudança de consciência e de comportamento a partir de uma nova crença. Trata-se de uma transformação interior que reorganiza a vida (p. 25). Além da história de Marcelinho, Bruno ouviu outros relatos de conversões fantásticas ao entrevistar pessoas que haviam abandonado a vida do crime em função de um encontro sobrenatural com o sagrado. O autor percebeu, então, a existência de um aparato discursivo, institucional e metafísico que legitimava aquelas transformações: as igrejas pentecostais abriam as portas para as pessoas transviadas, de maneira que elas pudessem ser integradas numa nova rede composta por indivíduos que acreditavam nas mesmas coisas e buscavam se fortalecer coletivamente. Isso após terem sido libertadas do poder do diabo, o qual as prendia à vida errante.

Marcelinho simboliza um processo mais amplo: as ondas urbanas. Na segunda metade do século XX o êxodo rural gerou um inchaço demográfico nos grandes centros urbanos brasileiros. A curva de migração interna entre 1930 e 1980 mostra a transformação do antigo país agrário em uma das nações mais urbanizadas do planeta. Em São Paulo, de maneira especial, muitos migrantes rurais buscavam uma oportunidade de melhorar a sua condição de vida. Chegando na capital, ocuparam as periferias e se depararam com muitas dificuldades, dentre as quais a baixa qualidade dos serviços públicos relativos à saúde e educação, além do preconceito e marginalização. A disputa por terras, o acerto de contas e a vingança perpetrada por familiares de vítimas assassinadas estavam entre as principais causas da violência no contexto da urbanização

precária. A consequência disso foi que o número de homicídios em São Paulo havia se multiplicado por dez entre os anos 1960 e 1999 (p. 18).

No entanto, o autor relata que de maneira surpreendente os gráficos da violência começaram a decair no novo milênio, de maneira tal que a megalópole se tornou a capital com a menor taxa de homicídios no Brasil na primeira década dos anos 2000 (p. 18). Manso, intrigado, buscou entender como as pessoas que antes pareciam ser indiferentes à vida passaram a hesitar diante de matar. A resposta, em parte, estava nas alternativas encontradas pela sociedade diante da ausência do Estado: a fé e o fuzil. Enquanto facções criminosas organizavam a vida das comunidades pela força e disciplina, as igrejas ofereciam um horizonte de transformação por meio da fé.

O autor apresenta o nascimento do crime organizado na cidade de São Paulo como uma maneira de frear o autoextermínio que acontecia nas periferias com a anuência do Estado. Isto porque, nas comunidades, a vingança provocava uma espiral de violência interminável, o que banalizava a cena de corpos espalhados pelas ruas. Era preciso colocar ordem nas coisas! Surge então o PCC com um código de conduta bem estabelecido: agora não era mais permitido matar qualquer um (p. 261). Essa disciplina visava a autopreservação e fortalecimento coletivo, o que acabou projetando a facção para além das periferias, como visto nas recentes denúncias envolvendo a Faria Lima e os esquemas de adulteração de combustíveis². Depois, as facções criminosas, no cenário de profunda desigualdade social e sucateamento da educação pública, encontraria terreno fértil para se apresentar aos jovens periféricos como um meio de ascensão social.

Bruno Paes Manso discorre sobre o fenômeno religioso a partir da análise de um Brasil onde, aos poucos, vai diminuindo a hegemonia católica. No universo simbólico, o catolicismo rural mediava o duro convívio entre quem mandava e quem obedecia. Legitimava-se, assim, a autoridade dos poderosos, preservava-se a tradição e fortaleciam-se os laços comunitários por meio da celebração dos sacramentos e das festas. O incentivo à caridade aliviava a consciência dos que doavam e gerava sentimento de gratidão em quem recebia. Destarte, a religiosidade legitimava o *status quo* e, paradoxalmente, criava a sensação de pertencimento (p. 123). Diante da pobreza, dos baixos salários e das

² Segundo o portal de notícias G1, uma megaoperação federal realizada em 2025 apontou que o PCC controla ao menos 40 fundos de investimentos com patrimônio de mais de R\$ 30 bilhões.

misérias encontradas nas grandes cidades, os migrantes internos precisavam de novos discursos que orientassem os seus comportamentos.

As igrejas neopentecostais, notadamente a Igreja Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Cristo Vive e outras, ofereceram respostas às angústias urbanas. Com discursos fundamentados na teologia da prosperidade, na espetacularização da fé realizada na teatralização de milagres e exorcismos, essas igrejas passaram a atrair multidões. Demonizavam elementos da religiosidade popular afro e indígena, associando-os ao atraso do país, e pregavam a necessidade de disciplinar a vida para alcançar o sucesso (p. 131). A força da sua proposta estava em três pilares principais: o vínculo amoroso com Jesus, que resgatava a autoestima do marginalizado; a bússola moral que orientava a vida do migrante rural no caos urbano; e a parceria com Deus, vista como garantia de sucesso nos empreendimentos (p. 234). Esse discurso era capilarizado nos inúmeros templos e pelo poder midiático de rádios e TVs, nos quais transmitia-se a sua cosmovisão de maneira implícita e explícita nos noticiários, novelas e programas de entretenimento.

O livro apresenta, pois, o entrelaçamento entre a fé e o fuzil como duas formas de gerar propósito e pertencimento no Brasil urbano. Ambas nascem dos pobres e os têm como destinatários (p. 121). Enquanto o crime organizado impõe disciplina pela violência, as igrejas a promovem pela promessa de redenção e prosperidade. O fuzil se torna caminho de ascensão social, enquanto a fé, alinhada com o discurso neoliberal, estimula o empreendedorismo individual como alternativa à violência.

A grande contribuição do trabalho de Bruno Paes Manso para a teologia e para as ciências da religião é a reflexão de como a teologia do domínio contribuiu para a formação do Brasil contemporâneo. Segundo essa corrente de pensamento, é preciso estabelecer um domínio sobre a nação para regê-la segundo os valores judaico-cristãos. Para tanto, é preciso conquistar sete montanhas: família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo – a fim de estabelecer o Reino de Deus na terra e preparar o mundo para o retorno de Jesus Cristo (cf. Pereira, 2023, p. 152). De fato, em *A Fé e o Fuzil*, o autor mostra como os pentecostais mergulharam na política desde 1988, participando fortemente dos debates constituintes em torno de temas ligados à moral e aos costumes, particularmente em assuntos como casamento, divórcio e direitos reprodutivos. A máxima de que crente

não se envolve com política deu lugar à expressão “irmão vota em irmão”. Assim, igrejas como a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus formaram seus próprios partidos políticos e povoaram as bancadas evangélicas.

Tornando-se cada vez mais influente, a presença neopentecostal na política mudou a forma de enxergar a luta por poder e levou ao parlamento o compromisso com as pautas cristãs. O autor do livro defende que, aos poucos, a verdade factual perdeu prestígio, ela que deveria servir de base para tomada de decisões. Em seu lugar foram colocados os temas transcendentais ligados à doutrina da batalha espiritual (p. 244).

Esta dinâmica redefiniu a luta política, já que a transformação social não viria mais das reformas do Estado através de debates técnicos sobre políticas públicas, e sim do combate contra o diabo materializado em toda corrente política com pautas humanistas. Neste registro, o problema contra o PT que culminou no impeachment de Dilma Rousseff nunca foi o da corrupção, haja vista que muitos políticos do centrão – inclusive da bancada evangélica – estiveram envolvidos em escândalos. Na verdade, o problema real era o posicionamento progressista do partido em relação aos costumes, posição encarada como a encarnação do mal a ser combatido nesta guerra cósmica. Pavimentou-se, então, o caminho para Jair Messias Bolsonaro, representante máximo do centrão conservador que venceu as eleições com aura de predestinado da guerra espiritual anticomunista.

Em suma, *A Fé e o Fuzil* é mais do que uma investigação jornalística: é um retrato fiel das transformações sociais, políticas e religiosas ocorridas no Brasil do século XXI. Ao discorrer acerca do entrelaçamento da religião neopentecostal com as facções criminosas enquanto forças estruturantes e geradoras de sentido nas periferias, Bruno Manso ilumina as ambiguidades de um país marcado por desigualdades. O livro mostra como a fé e o fuzil oferecem ordem, pertencimento a milhões de brasileiros abandonados pelo Estado, ainda que de maneiras totalmente diferentes. No campo da teologia e das ciências da religião, sua leitura é fundamental para compreender como a espiritualidade tem sido instrumentalizada em função de um projeto político de poder, inclusive no seio da Igreja Católica. Abre-se então caminhos de reflexões urgentes sobre o papel dos cristãos na busca da ética na política.

Referências Bibliográficas

PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. In: *Projeto história: revista do programa de estudos pós-graduados de História*, 76, p. 147-173. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p147-173>. Acesso em: 10 set. 2025.

LEITE, Isabela; RODRIGUES, Rodrigo. PCC Controla ao menos 40 fundos de investimentos com patrimônio de mais de R\$ 30 bilhões, diz Receita Federal. In: *GI*. São Paulo, 28 ago. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/08/28/pcc-controla-40-fundos-de-investimentos-com-patrimonio-de-mais-de-r-30-bilhoes-diz-receita-federal.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2025.